Uma trajetória em exame

JOÃO ALFREDO MONTENEGRO(*)

Retomar o processo de fundação e de crescimento do Instituto do Ceará compõe missão prioritária, ensejada pela data de aniversário do órgão, justamente num momento crucial de sua história, no qual ganha pertinência a reflexão questionante, dirimindo de logo o *tonus* meramente laudatório, próprio de um longo período de tempo em que a retórica se sobrepôs à crítica serena mas percuciente debruçando-se sobre o corpo avivado dos acontecimentos, inserindo-os na correlação passado-presente.

Nessa empresa, faz-se premente a identificação primeira da quadra fundadora, destacando as suas singularidades histórico-socioculturais, no afã de compreender com mais vigor e abrangência todo um referencial de nobres propostas de trabalho exitosamente cumpridas.

Delas se pode dizer que passaram a constituir, entre outras coisas, um forte parâmetro de pesquisa, ainda hoje atuante, a despeito das inovações operadas na teoria e na metodologia da história, propondo diretrizes novas de pesquisa, para ficar apenas num dos campos de investigação, de atividades outras, assumidos pela instituição, porquanto a Geografia e a Antropologia, igualmente espaço de investigações, de cuidados da entidade, longe estiveram de alcançar os mesmos níveis de dedicação, não merecendo sequer um plano de trabalho, tal como a área da história.

Em conseqüência, inviabilizou-se até hoje a possibilidade de uma troca rica de experiências entre os três campos, favorecendo precipuamente a construção de uma historiografia menos factual, atenta aos significados oriundos do ambiente natural, da realidade sociocultural.

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

Tal, porém, não quebrou os méritos da pesquisa histórica pioneira no Ceará, com copiosa produção a receber referências elogiosas de insignes mestres no narrar o passado, como José Honório Rodrigues.

O Instituto do Ceará nasce sob o influxo renovador de uma mentalidade secularizante, em contraposição ao tradicionalismo católico, a forcejar o estancamento das idéias progressistas, facilitando o acesso à pesquisa histórica, à exploração dos recursos naturais, à indagação filosófica, tudo centrado no homem, repentinamente a braços com uma autonomia que cumpria assegurá-la em demanda de resultados sociais.

Entre 1865 e 1887, data de criação de nossa agremiação, expandem-se entre nós movimentos de caráter filosófico, literário e científico, alargando a visão do mundo, as perspectivas da sociedade cearense.

Desse período a *Academia Francesa*, cumprindo tarefas diversas no jornal, na tribuna, na escola.

O jornal maçônico *Fraternidade* dava plena cobertura ao movimento, abrindo as suas páginas para a nova geração de escritores.

Aqui se detém a síntese do ideário nascente. Ele encerra, em páginas candentes e em posição destacada, o pensamento de Rocha Lima, líder incontestável da entidade em tela.

Assim, o artigo sobre a mulher traz referências claras às "idéias humanas, cujo embate chama-se história e que todos vós conheceis pelo nome de Civilização." (Lima, R. A. Rocha, *Crítica e Literatura*, Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1968, p. 89).

Tal exclui a possibilidade do providencialismo, exaltado pela tradição católica. A inteligência guia os homens em busca do progresso. Ela se faz inseparável dos negócios da vida.

Firma-se, desse modo, uma concepção da história estritamente imanentista, em que a ação, a práxis humana desempenha um papel importante, evitando o esvaziamento das fórmulas científicas, constantemente utilizadas até a sua superação ou aperfeiçoamento.

A história é, assim, obra humana, da inteligência, e se desenrola no embate, acolhendo o princípio darwiniano. A inteli-

gência é a força maior que, cultivada, "tende a dominar todas as outras e, especialmente, a atividade voluntária".

A moral é lhe subordinada através de "uma lei que só ela pode formular". A interpretação, para não falar na elaboração da norma moral, é fruto exclusivo da inteligência, e somente ela porta os critérios capazes de aplicá-la.

Eis que a ciência atinge patamar elevado no espaço da história e da sociedade. Ela governa a humanidade, sem os arroubos da religiosidade.

Tal o testemunho do Positivismo, espécie de Liberalismo contido em rígidos esquemas científicos, e que constitui, juntamente com as idéias liberais veiculadas pelo projeto fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o paradigma maior das monografias e dos artigos expostos na Revista do Instituto do Ceará, desde o instante de sua fundação.

Tem-se aí um repositario rico de informações e de ensinamentos sobre a realidade cearense em seus diversos aspectos, revelando nomes expressivos, como Paulino Nogueira, Barão de Studart, Antônio Bezerra, Carlos Studart Filho, Raimundo Girão, Joaquim Alves e tantos outros que honram a historiografia do nosso Estado.

Ressalte-se, contudo, que o parâmetro liberal-positivista se encontra há muito exaurido, frente às grandes mudanças ocorridas no mundo, quebrando o monolitismo do pensamento, alterando concepções e métodos da história, estabelecendo a convivência sadia de orientações epistemológicas, franqueando a multidisciplinaridade. O que proporciona múltiplos ganhos à historiografia.

Isso transcorre especialmente no âmbito universitário, campo mais favorecido para aquelas práticas. O que deixa os institutos históricos habitualmente em situação de defasagem, com honrosas exceções.

Daí vem a necessidade de eles romperem o isolamento em que se acham, inaugurando um novo ciclo de convivência proveitosa com a instituição universitária.

Como fazê-lo?

1. Promovendo prioritariamente o recrutamento de professores das três áreas: História, Geografia e Antropologia, portadores de títulos de pós-graduação, para os seus quadros sociais.
2. Oferecendo maior espaço para trabalhos daqueles professores nas Revistas dos Institutos.
3. Estudando fórmulas de parceria com os departamentos de História e de Ciências Sociais, com vistas à elaboração e execução de projetos de pesquisa.
4. Reforçando as iniciativas de levantamento e de informatização dos acervos bibliográficos dos Institutos com o auxílio de técnicas oriundas dos setores de biblioteconomia e de informática da área universitária, predominantemente.

Ao lado disso, é premente a procura de fontes alternativas de recursos financeiros, diante da diminuição crescente de auxílios provenientes do erários público.

Não desconheço o traço utópico daqueles itens propositivos.

Todavia, as realizações de alto interesse social ou cultural sempre são precedidas pelo impulso utópico, aquela dimensão do pensamento que, no dizer de Ernest Bloch, é condição primordial de antecipação da realidade que se espera transformada.

É um objeto de trabalho imprescindível nos momentos de crise, como o que atravessam os Institutos históricos, em busca de uma afirmação peremptória face aos novos tempos.

Particularmente, a Casa do Barão de Studart tem os seus mais qualificados membros suportando um período de profundo desalento.

A crise de identidade a deixa sem rumos seguros, à deriva num mar de problemas estruturais e não apenas conjunturais.

Impõe-se inelutavelmente um debate interno em prolongamento às conclusões do último Congresso dos Institutos históricos patrocinado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para dele serem extraídas resoluções de porte para a debelação de uma problemática já em vias de cristalização.

Teme-se, e muito, que o órgão entre em rota de colisão com os princípios norteadores de suas atividades, derivando para a retomada esdrúxula de um exercício de retórica, a se comprazer

no incensamento de figuras históricas, de personalidades do presente, na troca de elogios, na acomodação folgazã de um clube social, aproximando-se perigosamente de um estado de espírito avesso ao trabalho construtivo, deixando as coisas como estão, numa indolência mental própria dos medíocres, dos que se contentam tão-somente com o título de sócio efetivo, como se tivessem alcançado o topo da realização pessoal.

A plêiade de historiadores ilustres que lançaram as bases científicas da instituição, de um longo período de realizações expressivas, deve servir de estímulo às mudanças encarecidas pelos seus associados mais fiéis e atentos à sua trajetória, a fim de que não se perca o bonde da história e se abrace o imperativo de uma atualização.

Em assim discorrendo, sinto-me na certeza de haver proposto a mais oportuna mensagem de comemoração dos 115 anos de vida do nosso Instituto do Ceará.

Que ela não caia no esquecimento de sua significação, mas se transmude numa chama viva de esperança por dias melhores para a Casa do Barão.

Tenho dito.